



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**GABRIELE DE JESUS BATISTA**

**A INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL EM CANDEIAS - BA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**GABRIELE DE JESUS BATISTA**

**A INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL EM CANDEIAS - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**GABRIELE DE JESUS BATISTA**

**A INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL EM CANDEIAS - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em, 03/04/2019

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Profa. Dra. Ana Rita de Cássia Santos Barbosa**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Profa. Dra. Zelinda dos Santos Barros**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Este trabalho de conclusão de curso é dedicado a todas as pessoas afro-brasileiras. Especialmente, para os meus afros base, minha irmã e pais: Renata Batista, Gilmário Batista e Rosângela Maria Batista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e por ter colocado pessoas maravilhosas em meu caminho.

A minha querida orientadora ClaudileneSilva pelo carinho, paciência, atenção, dedicação e orientação.

Aos meus queridos e amados amigos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

A minha família e meu namorado, que também faz parte da minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

“A educação é a arma mais forte que  
você pode usar para mudar o mundo.”

*Nelson Mandela*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>10</b>
2.1	GERAL	10
2.2	ESPECÍFICOS	10
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>13</b>
4.1	EDUCAÇÃO, EUROCENTRISMO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA	13
4.2	HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>20</b>
<b>6</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>21</b>
<b>7</b>	<b>LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A alteração da LDB, por meio da Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino de história Africana e Afro-brasileira na educação básica. Dessa forma, busca fazer um ressarcimento histórico para que as pessoas negras Afro-Brasileiras conheçam melhor a sua história e tenham noção da formação cultural brasileira. O objetivo principal da medida é a divulgação e produção de conhecimentos, para que seja possível uma educação das relações étnico-raciais visando uma troca de conhecimento entre brancos, indígenas, orientais, negros, dentre outros. Propiciando a construção de uma educação que contemple a identidade e a diversidade cultural brasileira.

O interesse em estudar o tema inserção da história e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil de Candeias-BA deve-se a relevância da história da África para a compreensão da vida e da história dos afro-brasileiros. Quando os africanos foram obrigados a vir para o Brasil, trouxeram junto consigo novas formas de saberes, e sua cultura, contribuindo de forma direta para a formação cultural brasileira. A partir da história e cultura africana, podemos ampliar nosso conhecimento e ter noção da formação cultural brasileira e das identidades raciais que aqui foram forjadas.

É sabido que a cultura brasileira teve forte contribuição da cultura africana, e essa co-criação deu origem ao que conhecemos como cultura afro-brasileira. A qual faz parte da nossa identidade, como brasileiros. Partindo dessas informações, torna-se evidente a importância que essa temática tem para ser propagada na sociedade: é de extrema importância que a população brasileira conheça e se relacione com a sua cultura, valorizando e reconhecendo como sua, sem preconceito, discriminações ou equívocos.

Consideramos que iniciativas que valorizem a cultura afro-brasileira no campo da educação, em especial na educação infantil, podem contribuir para superar o racismo. Nessa fase da vida os indivíduos começam a interagir com outros sujeitos e é dever da escola intervir no processo de formação e percepção crítica das crianças, buscando evitar, que elas reproduzam comportamentos preconceituosos, contribuindo para a relação de respeito, troca e aceitação do diferente.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação para as relações étnico-raciais “impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004, pg.14).

Autores como Oliveira e Abramowicz (2005), Amaral (2011), Silva e Soares (2013) tem mostrado a importância da educação para as relações étnico-raciais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana para crianças negras e brancas. Estes mesmos autores, denunciam as discriminações e preconceito, que as crianças negras seguem sofrendo por causa do seu pertencimento étnico-racial.

Segundo os autores Pereira, Rosa e Vasconcellos (2016) , que estudaram a produção acadêmica nos últimos anos sobre a temática, afirmam que:

Tal processo é prejudicial para todas as crianças contribuindo negativamente para a construção de suas identidades. As pesquisas abordaram discussões relacionadas às práticas pedagógicas, que não privilegiam a riqueza da diversidade cultural existente, configurando-se em práticas homogeneizantes. Algumas indicam mudanças a essa postura, entretanto se constituem normalmente em movimentos isolados de um professor sensibilizado com a temática. (PEREIRA, ROSA, VASCONCELLOS, 2016 p.07)

Ainda de acordo com os referidos autores, poucas pesquisas deram indícios de que há um compromisso institucional de promover a educação das relações étnico-raciais ou que abordassem essa proposta nos projetos políticos pedagógicos. Assim sendo esta abordagem também faz uma provocação à aplicação legal dos instrumentos didáticos e sua utilização nos meios acadêmicos, em especial na formação de pedagogia, levando-se em conta que estes profissionais são os agentes que têm o primeiro contato institucional com as crianças em todo seu percurso desde a educação básica ao fundamental I, de forma direta, pois estes são responsáveis na atuação com este grupo.

Segundo Freitas ( 2011, pg.12-13), é de fundamental importância a inserção da história e da cultura afro-brasileira no contexto escolar, já que sua abordagem em sala de aula possibilita à criança um autoconhecimento, além de respeito mútuo, fazendo cumprir um papel na difusão e socialização tanto de informação quanto de conquistas da sensibilidade e da consciência humana, de forma a estimular atitudes que valorizem e respeitem as diferenças entre ela e os demais sujeitos.

O objetivo desse estudo é analisar como tem acontecido a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana na prática docente de professoras e professores da educação infantil do Município de Candeias-BA. E busca responder por meio da abordagem qualitativa o seguinte questionamento: De que forma a inserção da história e cultura africana e Afro-brasileira na educação infantil, pode contribuir para o reconhecimento de uma identidade racial consciente, livre do estigma existente?

A escolha de realizar este projeto em Candeias-BA, deve-se ao fato de que a Bahia concentra um grande percentual da população negra. Ser moradora de Candeias, ser negra e ter passado por racismo dentro da escola quando criança, fez com que eu sentisse vontade de escrever sobre o tema. Embora compreendamos o papel da escola nesse processo, escolhemos trabalhar com os docentes neste estudo e não a escola como um todo, pois os docentes tem um contato direto e diário com os alunos, sendo exemplo para esses indivíduos em construção.

Sabemos que a população negra brasileira é alvo do racismo cotidiano por causa do seu pertencimento étnico-racial. Passamos, e alguns de nós ou a maioria, ainda passa pela negação de ser negro, pois somos ensinados todos os dias a nos odiar. Acredito que aprender história afro-brasileira e africana na educação infantil, vai ajudar as nossas crianças negras a se conscientizar e se orgulhar de ser quem são. Dessa forma elas se tornarão adultos conscientes e orgulhosos do seu pertencimento étnico racial.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Analisar como tem acontecido a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana na prática docente de professoras da educação infantil da escola Gisella Tygel, localizada na Caroba, distrito de Candeias-BA.

### **2.2 ESPECÍFICOS**

- Identificar a percepção dos docentes da escola quanto à relevância do estudo da cultura afro-brasileira e africana;
- Averiguar com os docentes como a cultura e história afro-brasileira e africana foi abordada em sua formação;
- Observar junto ao corpo docente da escola como tem sido trabalhado o ensino da cultura e história afro-brasileira e africana em sala de aula.

### 3 JUSTIFICATIVA

A política de educação para as relações étnico-raciais, que diz respeito a obrigatoriedade do ensino de História e cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, é uma política pública educacional de afirmação da população negra, que compõem o conjunto das políticas de promoção da igualdade racial no campo da educação (SILVA, 2016). De acordo com Gonçalves e Silva (2013, p.2), "trata-se de uma política curricular de reconhecimento e de reparação de desigualdades".

A implementação do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil, propicia a construção de uma educação que contemple a identidade étnico-racial e a diversidade cultural de todas as crianças. Estudos recentes têm mostrado que:

O papel central da educação das relações étnico-raciais é fazer visíveis as diferenças, tornando a educação infantil um espaço privilegiado de encontros de culturas, saberes, etnias e sujeitos, afirmando a pedagogia da infância enquanto um instrumento para além da lógica única do colonialismo (SOUZA, DIAS, SANTIAGO, 2017, p. 52).

Tendo em vista o Brasil é o país com maior população negra fora da África. É de extrema valia introduzir temáticas que discutam e fomentem o conhecimento sobre a história da África e da diáspora negra no do currículo infantil. É significativo para a formação da personalidade e aprendizagem ter conhecimento da multiplicidade que origina essa identidade racial.

Cabe aos espaços coletivos educacionais que as crianças frequentam, reforçar o conhecimento como um todo, possibilitando a esses indivíduos em formação a construção de um pensamento crítico livre de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. A escola tem o papel de agente transformador nesse processo, e os docentes podem ser os mediadores do descobrimento de uma visão não embasada numa perspectiva eurocêntrica.

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2004, p.15)

Está em contato com o estudo da história dos africanos e seus descendentes no Brasil, em tenra idade é ter a possibilidade de se perceber dentro de outra perspectiva, o que ajuda as

crianças a diferenciarem e reconhecerem marcas de sua própria cultura. Possibilitando a construção de uma estima livre da estigmatização social, colocada por uma visão unilateral do que é cultura.

O racismo contidiano, vem afastando a negritude, fazendo com que os negros não queiram se reconhecer como negros, não gostem de ter cabelos de negros, nariz de negros, história de negros, enfim, que os negros não gostem de si e dos outros negros. Isso deve-se ao período colonial, quando os negros buscavam ser reconhecidos como crioulos, mestiços ou mulatos, para serem aceito, afinal o trânsito social para um negro apenas viria com a assimilação ou com a ascensão social, mesmo que um negro rico e assimilado ainda é vítima do racismo. E toda essa negação é consequência do racismo que rebaixa nossa auto estima, e nos faz buscar um padrão de beleza baseado em fenotipos eurocêntricos.

Tudo indica que a tomada de consciência da população negra, quanto á sua identidade, está tomando um rumo promissor, pois informações do IBGE apontam nesta direção.

Entre 2012 e 2016, enquanto a população brasileira cresceu 3,4%, chegando a 205,5 milhões, o número dos que se declaravam brancos teve uma redução de 1,8%, totalizando 90,9 milhões. Já o número de pardos auto declarados cresceu 6,6% e o de pretos, 14,9%, chegando a 95,9 milhões e 16,8 milhões, respectivamente. É o que mostram os dados sobre moradores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, divulgados hoje pelo IBGE. (IBGE, 2017)

De acordo com o IBGE, as pesquisas feitas nas residências, ofertam aos moradores pesquisados as opções de por auto declaração de cor da pele, portanto, o entrevistado seleciona entre estas opções: branco, pardo, preto, amarelo ou indígena. Desta forma pode-se concluir que os trabalhos desenvolvidos em várias instâncias culturais e educacionais já apresentam resultados de crescimento da percepção da população negra de sua identidade etnico-racial e da real importância na sociedade onde está inserida..

O resultado dessa conscientização por parte dos entrevistados, que são adultos, reverbera positivamente nos adolescentes e especialmente nas crianças, pois estas são influenciadas pelos seus iguais, reforçando o valor de sua cor, de seus traços, de sua beleza, Como diz Neusa Santos Souza (1990, p.77), ser negro no Brasil é tornar-se negro.

O papel do educador é primordial para fomentar uma educação que vá contra o racismo. Fazendo uma análise do ponto de vista historiográfico social, a criança tem o seu primeiro contato com a sua mãe, depois com a família no lar, com o grupo social, no caso o ambiente onde mora, seus parentes e vizinhos e logo após com a instituição educacional que ele enfrenta de forma muitas vezes difícil, pois está em um ambiente completamente distinto

do seu lar, com pessoas completamente desconhecidas, em uma situação que para ela parece ser um abandono por parte dos seus pais.

Neste novo ambiente a criança encontra outros indivíduos com a sua faixa etária e faz um primeiro movimento de socialização com outros semelhantes a ela em número maior e outro espaço. Neste momento ela também entra em contato com uma figura que se torna crucial para sua inter-relação social, geralmente uma professora que se torna por assim dizer uma substituta da figura materna, praticamente a única pessoa adulta com quem ela se relaciona em um outro ambiente que não seja o seu lar, seu território. A professora tem um papel fundamental para que esta criança consiga interagir e mais que isso iniciar o processo de aprendizagem, entendendo que o papel da professora não é transmitir conhecimentos, como assevera Paulo Freire "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996).

A professora tem uma tarefa complexa e que exige não apenas competências, como também muitas habilidades, pois cada criança tem traços bem distintos e está em fase de construção do ego. A educação formal que tem início neste momento, deve ser acompanhada por uma profissional com uma maturidade emocional, profissional, sensibilidade e saberes necessários para auxiliar neste primeiro momento, as crianças sob sua responsabilidade.

Antunes (1993) salienta que se olharmos o professor e o aluno, podemos vê-los construindo e trocando inúmeras experiências num dado período de suas existências. Entende-se que tanto a professora como as crianças com quem elas convivem, estão a cada momento também aprendendo a aprender e reaprender suas estratégias para atingir os objetivos esperados. A sua conduta e condução torna-se fator "sine qua non" para que estas crianças possam desenvolver-se de forma plena e capazes de distinguir o que realmente é importante para suas vidas ao longo das aprendizagens, pois este convívio que pode perdurar por alguns anos, pode promover vários movimentos internos e comportamentais, através dessa relação.

## **4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **4.1 EDUCAÇÃO, EUROCENTRISMO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Na educação formal do Brasil perpetuou por muitos anos uma educação eurocêntrica, onde a repressão a outras formas de produção de conhecimento não-europeias predominou e ainda predominam. Situação que tem negado o legado na educação formal intelectual e

histórico de povos indígenas e africanos, mesmo estes fazendo parte da identidade cultural brasileira. Segundo Anibal Quijano (2013):

[...] Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes da metade do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América (QUIJANO, 2013, p.15).

Desta forma, quando estabelecemos a história europeia como ponto de partida, matriz e referencial epistemológico, concordamos com uma estrutura hegemônica global de poder que nos impõe a superioridade de raça e valores que subjagam outros indivíduos considerados inferiores.

O Brasil é um país negro. De acordo com Monica Lima, citada por Luciano Figueiredo, “o Brasil é o país que por mais tempo e em maior quantidade recebeu pessoas escravizadas vindas da África” (2009 p. 12). No século XVIII, o país recebeu cerca de 1.685.200 africanos escravizados, dos quais 1.134.600 vindos de Angola e 550.600 da Costa da Mina. Rocha Pombo, ao ser citado por Mario Martins de Freitas (1988, p.110), afirma que o total de “sangue africano” que entrou no Brasil perfazia um montante de quinze milhões. Tal montante não poderia deixar de influenciar severamente a cultura brasileira, uma vez que passaram a fazer parte desta população, mas trazendo consigo características próprias.

Helder Kuiawinski da Silva, em seu artigo ‘ A cultura afro como norteadora da cultura Brasileira, afirma que “todos os escritores consultados assumem severa dificuldade em descrição detalhada da contribuição/agregação do negro, da cultura africana, à cultura brasileira, devido principalmente ao regime escravista posto” ( 2004, p.27). Naquele período a pessoa negra não era vista como “ser”, mas como “coisa” e “transformou-se no símbolo da antiinteligência, anticultura, e anticriatividade” (MOURA, 1983, p. 141).

Segundo Clóvis Moura, a contribuição do negro foi das mais substantivas e significativas ao desenvolvimento de nossa própria cultura. Aduz ainda que a contribuição “[...] não foi morta, nem insignificante, nem periférica, nem inferior e não é folclórica. Foi e continua sendo, durante a escravidão como agora, uma cultura de resistência dos oprimidos no Brasil” (MOURA, 1983, p.140).

O site A Participação dos Negros na Construção do Brasil (2014) acrescenta:

É necessário salientar que o negro não veio sem cultura do seu local de origem. Ao entrar no Brasil ele viu uma realidade totalmente diferente da que vivia, visto que para o colonizador europeu eles eram considerados somente como mão-de-obra, mas o negro no continente africano vivia em tribos, lá ele era príncipe. A heterogeneidade cultural das etnias africanas era imensa, ou seja, lá se tinha uma prática cultural diferenciada, dependendo da região à qual pertencia.

Dentre tantas outras dificuldades vividas pelo negro africano, ao chegar no Brasil, uma delas foi justamente manter sua cultura. Muito além dos fatores internos, como a distância de sua terra, convívio com seus semelhantes e difusão das práticas costumeiras de geração a geração, o negro também sofria forte pressão externa para deixar sua cultura. Na escravidão, juntamente com o império, a igreja católica possuía as rédeas do poder. A cultura européia, tida como branca, predominava nos países e não dava margem aos costumes africanos, que era discriminado e demonizado pela sociedade majoritariamente branca na época.

Entre os instrumentos usados pelo poder escravizador está a Igreja Católica quem absolutamente, não é responsável pela persistência das religiões de origem africana na chamada América latina: Haiti, Cuba e Brasil, entre outros. Essa Igreja possui escravos com fins lucrativos, e constantemente perseguiu e atacou crenças religiosas africanas durante séculos, até os dias atuais (NASCIMENTO, 1978, p. 101).

Sem saída para conseguir preservar sua cultura e suas crenças, o negro se viu obrigado a aceitar o que era imposto pela igreja católica, miscigenando com o que era compatível com sua cultura.

Os africanos no Brasil não abandonaram seus costumes e religiões, apesar do trabalho estafante e do pequeno ciclo de vida. Organizavam festas, adornavam os corpos, lembravam suas origens tais como o Rei Congo, congada, música carregada de sofrimento em contraste com os raros momentos de alegria, em que a língua de origem sobressaía no canto. Essa cultura não podia expressar-se livremente, pela sua condição de escravo, mas sobreviveu nas crenças religiosas e práticas mágicas a que se apegavam em seu desamparo no mundo hostil em que viviam, o qual transformavam em danças e músicas, arrefecendo assim o sofrimento do dia a dia. Juntamente com esses valores espirituais acrescentam-se reminiscências rítmicas, musicais, saberes e gostos culinários. Essa herança africana, associada às crenças indígenas, resultou nessa singular fisionomia cultural brasileira (RIBEIRO, 1995).

Diante das informações, torna-se evidente a importância que essa temática tem para ser trabalhada em sala de aula. Uma vez, que a escola é um ambiente de interação social, atuando na construção de valores e atitudes que se desenvolvem na construção da personalidade de cada indivíduo que a frequenta, desempenha papel crucial na formação dos cidadãos. A sala de aula deve ser um local que privilegie todas as culturas incentivando um

pensamento crítico de seus alunos. Livre de toda e qualquer forma de discriminação e preconceito. Se a escola adota uma prática de exclusão, as crianças tomarão as mesmas atitudes, prevalecendo um ambiente de exclusão. Pensando nessas questões, tornasse necessário trabalhar a cultura Afro-brasileira e Africana na sala de aula, especialmente na educação infantil.

Urge uma educação que contemple a visão de que somos diferentes sim, e que devemos ter estas diferenças respeitadas e valorizadas, entretanto é preciso que haja equanimidade nas relações, entendo que esta indica:

[...] o reconhecimento e a efetivação, com igualdade, dos direitos da população, sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõem. Assim, equidade é entendida como possibilidade das diferenças serem manifestadas e respeitadas, sem discriminação; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias, etc. (SPOSATI, 2002, p. 5).

Antanas Mockus (MOCKUS, In BRASLAVSKY, 2002) em sua obra “Aprender a viver juntos” afirma que devemos esclarecer para nossas crianças que apesar dos outros terem regras parcialmente distintas às nossas, não significa que essa deva ser negligenciada ou excluída. Se não reconheço a legitimidade de outras tradições culturais, isso não deve ser motivo para debilitar interesse por elaborar e intensificar preferência por uma tradição específica.

#### 4.2 HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola como um todo, deve estar sempre contemplando as diversas culturas existentes no espaço em específico, no estado da Bahia, onde a cultura afro-brasileira está ainda mais presente por ser o estado onde a presença da população negra é proporcionalmente expressiva, e conseqüentemente a cultura disseminada pelos africanos e seus descendentes nascidos no Brasil. Para isso devemos estimular as crianças a aprenderem a conviver, fazendo da escola uma mostra do mundo lá fora, mostrando a elas que vivem num país diversificado, construído a partir de várias culturas, e que é preciso respeitar as diferenças.

Segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana:

[...] é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais que a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL, 2009,p.49).

De acordo com Braslavsky (2002) conviver é chegar a viver junto entre distintos sem os riscos da violência e com a expectativa de aproveitar de maneira fértil de nossas diferenças. O desafio da convivência é basicamente o desafio da tolerância à diversidade, e está encontra sua manifestação mais clara na ausência de violência(BRASLAVSKY2002, p. 14).

Para que o trabalho com o desenvolvimento do respeito à diversidade cultural tenha o efeito positivo é importante a colaboração tanto da comunidade escolar quanto das famílias, as quais devem ter consciência da relevância das práticas culturais no âmbito das escolas, principalmente na educação infantil, alcançando assim as crianças desde pequenas.

Todavia, é preciso ter em vista que ainda existe uma forte cultura midiática e social, até em ambientes educacionais, que subestimam as crianças negras.Os estudos de Cavalleiro (2000), apontam que:

Crianças brancas revelaram um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo caráter negativo à cor da pele, ao passo que as “crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem (CAVALLEIRO, 2000, p. 10).

É importante que as crianças brasileiras conheçam sobre a história do seu país contada pela visão do oprimido, a história dos seus ancestrais desde sua vida na África a sua trajetória no Brasil, sua luta, conquistas até os dias atuais assim como a herança cultural que nos foi deixada. Através destes conhecimentos o sujeito toma mais consciência de se si mesmo, de sua identidade e da importância do respeito mútuo num ambiente multicultural como nossas escolas, dessa forma aprendendo a respeitar a todos por onde for.

De acordo com a LDB/1996, em seu artigo 29º

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB 1996).

Como afirma A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira é papel das instituições educacionais públicas e também privadas, seguir tais orientações com vistas a auxiliar na formação inicial das crianças em seu primeiro contato com a escola. A Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (art. 29 da LDB).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil ( 2010), afirmam que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação infantil deve ter como objetivo garantir á criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito á proteção, á saúde, á liberdade, á confiança, ao respeito á dignidade, á brincadeira, á convivência e á interação com outras crianças ( BRASIL,2010).

A Política Nacional de Educação Infantil parte dessa finalidade para estabelecer como uma de suas diretrizes a indissociabilidade entre o cuidado e a educação no atendimento às crianças da Educação Infantil.

No Brasil, acultura afro-brasileira é de grande importância para todas as crianças na educação infantil, face às singularidades étnicas em nosso território, levando-se em conta sua contribuição cultural bastante extensa, com predominância em todo o Brasil. Especialmente na Bahia, as contribuições culturais dos africanos e seus descendentes estão presentes por toda parte.

Partindo destas informações, o mais coerente seria que as instituições de ensino propagassem a cultura africana e afro-brasileira em seu âmbito, coisa que vem acontecendo em poucas escolas, mesmo com a obrigatoriedade do ensino da temática em toda a educação básica.

Alguns esforços foram feitos no sentido da implementação da temática nas escolas. Todavia, ainda são poucas as instituições que têm assumido um trabalho coletivo e institucional referente ao assunto (SILVA, 2016). Conforme Souza, Dias e Santiago ( 2017) não podemos desconsiderar que a sociedade brasileira em geral e as instituições escolares em particular têm ao longo de toda a sua história realizada uma educação das relações étnico-raciais. No entanto, esta foi traçada na hierarquização e subordinação da população branca sobre a população negra e é com esta educação negativa que queremos romper. Para os referidos autores:

O papel central da educação das relações étnico-raciais é fazer visíveis as diferenças, tornando a educação infantil um espaço privilegiado de encontros de culturas, saberes, etnias e sujeitos, afirmando a pedagogia da infância enquanto um instrumento para além da lógica única do colonialismo. Pode ser tomada como um exemplo de proposição para a correção de injustiças e distorções sociais que objetiva romper com o silêncio das instituições educativas e dos/as docentes em relação aos preconceitos contra determinados grupos étnico-raciais. (SOUZA, DIAS, SANTIAGO, 2017, p.52)

Os autores, seguem dizendo que a luta trouxe reivindicações e problematizações epistemológicas frente ao colonialismo. Para eles, estas problematizações “assolam a transmissão do saber e as interações nas instituições educativa, e nos convoca a tomar posição frente aos processos que desrespeitam as muitas crianças e suas infâncias”.(SOUZA, DIAS, SANTIAGO, 2017, p.52)

Damião, em seu artigo “Primeira infância, afrodescendência e o fazer pedagógico na educação infantil: a força dos espaços vazios” (2011) nos explica, que:

Enquanto educadoras somos chamadas a criar uma ação educativa que potencialize a fala, a expressão dos sentimentos e ideias que a criança tem sobre o si, sobre o outro, sobre o mundo por meio da oralidade, da escrita, da brincadeira, do movimento corporal, da música, das artes visuais, e de inúmeras outras linguagens. Fazendo a palavra e o movimento de meninas e meninos circular, estaremos fazendo circular afetos e conhecimentos. (DAMIÃO, 2011, p.16)

No que se refere a educação infantil, estudos apontam que existem diversas formas de introduzir a cultura Afro-brasileira no âmbito escolar, como: a literatura, a música, a dança, o teatro, artes visuais, capoeira e outros muitos mais. Todas essas manifestações, se levada ao conhecimento das crianças, podem aguçar seu interesse pela história de seu país, educando-as a fim de torná-las pessoas que respeitam a si e as diversidades encontradas na sociedade.

A educação deve, pois procurar tornar o indivíduo mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo, e deve ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas (...) O conhecimento das outras culturas tornamos, pois, conscientes da singularidade da nossa própria cultura, mas também existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade (DELORS, 2003, p.48).

Para Freitas (2011), quando abordamos frequentemente em sala de aula temáticas que exponham as diversas culturas encontradas no Brasil, dá á criança a ideia de que ela vive num ambiente diversificado, e que ela é diferente, em vários pontos, das outras pessoas, e que tanto a cultura que norteia a vida da família dela quanto as que os outros vivenciam tem o seu valor, sua beleza e tem de ser respeitadas.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto tem como objetivo analisar como tem acontecido a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana na prática docente de professoras da educação infantil da escola Gisella Tygel. Pretendemos utilizar a abordagem qualitativa, à qual consiste em interpretar e divulgar os sentidos dos acontecimentos do mundo social. Richardson (1999, p.80) afirma que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Ressalta também que podem contribuir para o processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

De acordo com Cecília Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004: 21)

A escolha desta metodologia de pesquisa qualitativa se deu pela adequação à proposta neste estudo. Levamos em consideração que, por meio dela, podemos realizar análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. Também nos permite coletar informações e entender os fatos ocorridos neste fenômeno social de uma forma mais ampla, já que através dela poderemos identificar significados que o assunto tem para os sujeitos colaboradores da pesquisada. Dessa forma, tencionamos obter resultados mais satisfatórios as nossas intenções.

A aproximação com o campo de pesquisa foi realizada de forma preliminar, por meio de uma visita técnica a Secretaria de Educação de Candeias (SEDUC). Com o intuito de saber como vem sendo trabalhado a história e cultura afro-brasileira e africana na educação Infantil de Candeias. Nesse primeiro contato descobrimos a existência do Núcleo de Educação das Relações Étnico-raciais da SEDUC.

Conforme informações disponibilizadas, o setor foi criado em Maio de 2016, pelo ex-secretário da educação Jair Cardoso, com o intuito de ministrar formação para as professoras e professores da rede, a fim de fortalecer as relações étnico-raciais em sala de aula no Município de Candeias. Tem como objetivo atrair o máximo de professores e professoras,

para que eles sejam multiplicadores de informações positivas sobre a História e cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Fornecendo para os mesmos, material, preparação teórica e metodológica para que sejam vivenciadas em sala de aula.

O NEER possui atividades fixas, começando em Março com o seminário educação, gênero e luta que é voltado á discussão das questões da mulher, principalmente a mulher negra, que segundo Maihara Raianne Marques Vitoria, Doutora em história social, pela Universidade Federal da Bahia e integrante do NEER desde 2016, são mais suscetíveis a passar por violência domestica. Em Abril, é realizado o Abril indígena. Em Maio acontecem rodas de conversa para desmistificar o que conhecemos sobre a abolição. No dia 25, também de Maio, acontece o dia de África, a fim de fortalecer as questões Afro-brasileiras e Africanas. 14 de Agosto, no aniversário da cidade de Candeias é realizado seminários e rodas de conversas para também tratar da cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena. Em Novembro é realizado o Novembro negro, onde ocorre uma serie de ações durante o mês inteiro, como: rodas de conversas, seminários, sessões de cinema nas escolas, com discussões, oficinas e sarau literário.

Para aprofundar o entendimento da inserção da temática na política municipal e nas práticas educativas das escolas do município optamos por desenvolver a pesquisa de campo com alunos do grupo 04 e 05, do Centro de Educação Municipal GisellaTygel, localizada na Caroba, distrito de Candeias. A escola possui em média 285 alunos na educação infantil foi indicada pela secretaria de educação como uma referência no município na inserção da temática história e cultura afro-brasileira e africana em suas prática escolar.

Para a coleta de informações serão utilizadas às seguintes estratégias metodológicas: a aplicação de questionário, a observação participante e a análise de documentos. De forma complementar também realizaremos entrevistas com os docentes da educação municipal infantil, gestores e técnicos.

Após o levantamento das informações será feita à organização do material para análise dos mesmos. Esta análise será feita confrontando a revisão da literatura e os dados levantados.

## **6 CRONOGRAMA**

O cronograma de trabalho foi pensado, levando-se em consideração a ideia de que no segundo ciclo de formação, no curso de pedagogia, temos três semestre letivos para a

produção do trabalho de conclusão de curso. Assim, organizamos as atividades de pesquisa e elaboração da escrita ao longo de um ano letivo.

SEMESTRES	1º				2º				3º			
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
ATIVIDADES												
REVISÃO BIBLIOGRAFICA	X	X		X	X							
COLETA DE INFORMAÇÕES, ENTREVISTAS E PESQUISA DE CAMPO		X	X									
ANÁLISE DOS DADOS			X	X								
REDAÇÃO DO TEXTO					X	X	X					
REVISÃO DO TEXTO								X	X			
PREPARAÇÃO PARA A DEFESA										X	X	X
DEFESA DO TCC												X

## 7 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para desenvolver este projeto da melhor forma possível pretendemos explorar as ideias de outros autores que já falaram sobre a temática, afim de termos mais fundamentos. Também estudaremos melhor os aspectos metodológicos, para orientar o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, apresentamos o levantamento bibliográfico que segue, entre outros textos que certamente surgiram:

- BRASLAVSKY, Cecília (org). **Aprender a viver juntos:** educação para a integração na diversidade. Educação do trabalhador, nº 3. Unesco, IBC, SESI, UnB. Brasília: 2002.
- CANDAU, V. M. (org.). **Sociedade, educação e cultura (s):** questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. RioJaneiro: Paz e Terra, 1992.
- MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- PORTELA, A.L. et al. **Educação e os afro-brasileiros:** trajetória, identidades e alternativas. Salvador: Novos Toques, 1997.
- SANTOS. José Luiz dos. **O que é cultura.** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987
- .CUNHA JUNIOR, Henrique et al. A criança (negra) e a educação. **Cadernos de Pesquisa** – Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1979.
- DORNELLES, Leni Vieira; MARQUES, Circe Mara. Pedagogias da racialidade: modos de se construir crianças negras em escolas de educação infantil no Brasil. **Propuesta Educativa.**
- FARIA, Ana. Lúcia Goulart. Para uma pedagogia da infância. **Pátio:** educação infantil. Porto Alegre: Artmed, out/2007.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial das crianças negras brasileiras.** São Paulo: Autêntica, 2006.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Rita de Cássia Franco. **As manifestações da emoção vivida no processo de aprendizagem da educação física escolar**: totalidade ininterrupta de troca e construção de experiências humanas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- BRASIL. (9 de JANEIRO de 2003). **LeiNo 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Acesso em 6 de JUNHO de 2018, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639)
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília : MEC/SECADI, UFSCar, 2014.
- BRASLAVSKY, Cecilia. **Educação para todos para aprender a viver juntos**: um desafio prioritário no século XXI. In FERREIRA, José. *Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade*. Trad. De José Ferreira - Brasília: UNESCO, IBE, SESI, UnB, 2002.
- BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. v. 1,2,3, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Parecer 03/2004 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de educação**. Brasília: MEC, 2004b.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio o escolar**: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo: Contexto, 2000.
- DAMIÃO, Flávia. **Primeira infância, afrodescendência e o fazer pedagógico na educação infantil**: a força dos espaços vazios. Disponível em ;  
file:///C:/Users/samsung/Downloads/PRIMEIRA%20INFNCIA%20AFRODESCENDNCIA%20E%20O%20FAZER%20PEDAGGICO%20NA%20EDUCAO%20INFANTIL%202.pdf
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Daniela. **A inserção da história e da cultura afrobrasileira na educação infantil** SALVADOR 2011, disponível em: [docplayer.com.br/7293004-A-insercao-da-historia-e-da-cultura-afro-brasileira-na-educacao-infantil.html](http://docplayer.com.br/7293004-A-insercao-da-historia-e-da-cultura-afro-brasileira-na-educacao-infantil.html)
- GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Lei nº 10.639/2003 – 10 ANOS. **Revista Interfaces de Saberes**, Caruaru, v. 1, nº 13, p. 1–13, 2013.
- HIRAMA, Elaine Prodócimo. **Asemoções na Educação Física escolar**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

IBGE. (27 de novembro de 2017). População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. Acesso em 06 de junho de 2018, disponível em Agência IBGE Notícias:<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html>

KEIK, Jane. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** Curitiba 2015, disponível em:  
[www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51317/R%20-%20E%20-%20JANE%20ROSELI%20KEIK.pdf?sequence=1](http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51317/R%20-%20E%20-%20JANE%20ROSELI%20KEIK.pdf?sequence=1)

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. “**Como se deve escrever a história do Brasil**”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 6 (24), jan. 1845, pp. 389-411.

MENDES, C.A, IFMGA. **Importância da escola para a formação do cidadão**, disponível em:  
[http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/recursos/anais/5/1441669448\\_ARQUIVO\\_RelatoeExperiencia\\_VIIIFalaProfessor.pdf](http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/recursos/anais/5/1441669448_ARQUIVO_RelatoeExperiencia_VIIIFalaProfessor.pdf)

NASCIMENTO, Joseane, COSTA, Sayonara. **A lei 10.639/03 e os desafios de sua implantação**: uma abordagem sobre as dificuldades dos professores de literatura em ensinar o que não se aprende na escola, disponível em :  
<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/21825/12847>

PEREIRA; ROSA; VASCONCELLOS. **Infância, educação e relações étnico-raciais: a produção acadêmica nos últimos anos**, 2016.  
[https://www.researchgate.net/publication/316949595\\_INFANCIA\\_EDUCACAO\\_E\\_RELACOES\\_ETNICO-RACIAIS\\_A\\_PRODUCAO\\_ACADEMICA\\_NOS\\_ULTIMOS\\_ANOS](https://www.researchgate.net/publication/316949595_INFANCIA_EDUCACAO_E_RELACOES_ETNICO-RACIAIS_A_PRODUCAO_ACADEMICA_NOS_ULTIMOS_ANOS)

SANTOS, Maria. **A contribuição do negro para a cultura brasileira**, disponível em:  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10229>

SILVA, Claudilene; **Práticas Pedagógicas de Valorização da Identidade, da Memória e da Cultura Negras**: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SILVA, Helder. **A cultura afro como norteadora da cultura brasileira**, (2014) disponível em:  
[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/144\\_449.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/144_449.pdf)

SOUZA, DIAS, SANTIAGO. **Educação infantil e desigualdades raciais**: tessituras para a construção de uma educação das/nas relações étnico-raciais desde a creche, disponível em:  
<file:///C:/Users/samsung/Downloads/276-1-1387-1-10-20170516.pdf>

SOUZA, N.S. (1990). **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro.